

COSTA, JOSÉ FILIPE
PRAZER, CAMARADAS!

Filme-documentário. Produção: Uma Pedra no Sapato, 2019.

Ana Gabriela Macedo*
gabrielam@elach.uminho.pt

A estrutura fílmica de *Prazer, Camaradas!* (estreado no Festival de Locarno em Agosto de 2019, e que, a meu ver, está para além do documentário) é uma narrativa que entretece vozes, tempos e espaços distintos, numa espécie de *mise-en-abyme*, trazendo para o presente personagens, eventos, episódios e a História propriamente dita, de um passado recente, com cerca de 40 anos de existência.

A novidade, por assim dizer, reside no facto de o filme não ser um óbvio *flashback*, um recordar, um olhar nostálgico sobre o passado, mas antes o seu reverso, ou avesso mesmo: um celebratório, teatralizado e quiçá burlesco ou anti-épico, *trazer para o presente* dessas mesmas vivências e episódios que os protagonistas (então com 20 anos), outrora, nesse mesmo espaço físico e histórico viveram. O improvável fazer de uma ‘Revolução em processo’ (essas que ‘só acontecem na América Latina!’ dizem eles), no Alentejo ou Ribatejo português, a um tempo mítico e real, onde se realizou, apesar de toda essa improbabilidade, a reforma agrária, a ocupação de terras, as campanhas de alfabetização das populações rurais e ... facto que poucas vezes é referido, e menos ainda narrado, as campanhas de controlo da natalidade, a revolução sexual e os primeiros estremecimentos do que viria a ser a eclosão do movimento feminista em Portugal (a que está indissolúvelmente ligada a censura e criminalização em 1972 do livro *Novas Cartas Portuguesas* e suas autoras).

Os jovens protagonistas de então têm hoje 60 e tal anos, mas narram essa mesma (H)istória, que se cruzou indelevelmente com a sua própria história de vida, no ‘presente histórico’, criando assim uma brechtiana teatralização dessa mesma utopia, *como se* fosse hoje ainda. E na realidade é-o. (Do mesmo modo que os mais velhos se referem sempre aos seus companheiros de vida como ‘aquela rapariga’ ou ‘aquele rapaz’ do ‘seu’ tempo). O tempo é na realidade uma entidade subjectiva, cuja materialidade e espessura lhe é conferida pela vivência de cada um/cada uma. Assim em *Prazer, Camaradas!* o passado é afectivamente transportado para o presente através de uma performance narrativa que se traduz nesse *mise en abyme* ficcional que a narrativa induz e o realizador encena brilhantemente. Não se trata da criação de uma

* Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), Universidade do Minho, Braga, Portugal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7823-0613>

A autora segue o antigo acordo ortográfico.

fantasmagoria, uma alucinação ou sequer falácia mistificadora, de modo nenhum – cada um destes personagens (actores improváveis desta fugaz utopia), emigrados muitos deles nos quatro cantos da Europa, regressam, por momentos mágicos, ao lugar da Revolução havida e sonhada: a Revolução dos cravos portuguesa. Como pano de fundo há ainda um quadro outro, este sim burlesca e satiricamente encenado – a orquestrada manipulação das massas pelo Estado Novo, a organização de ‘manifestações espontâneas’ ao Terreiro do Paço para dar vivas ao ditador, a troca de uma viagem de camioneta à capital e uma carcaça com sardinha de conserva.

Momento chave e *leitmotif* de toda esta narrativa é, sem dúvida, o *sketch* da cumplicidade das mulheres tagarelas lavando, literal e metaforicamente, a ‘roupa suja’ dos seus homens, no tanque comunitário entre ditos e gargalhadas. E é um desfiar sem fim de histórias pessoais, pequenas vitórias e grandes humilhações, a consciência da sua total invisibilidade e desimportância, sujeitos presentes apenas através da sua utilitária humanidade, equivalente ao acto de lavar a louça na cozinha.

Momento de *volte face* cómico e subversivo no contexto acontece quando “as estrangeiras” (espectadoras cúmplices do momento histórico em processo) irrompem neste quadro e põem os homens a lavar a louça e as mulheres galhofeiramente a jogarem aos dados na mesa da cozinha. Momento outro comovente e sublime, plasmado no desejo delas de aprender a ler, no soletrar mágico dos primeiros ensaios de caligrafia. Ambos os momentos sem dúvida pequenos estilhaços na modorra do Estado Novo e no configurar da luta pela emancipação e pela liberdade.

Cada um, cada uma de nós lerá este filme, esta narrativa, à sua maneira.

Eu tinha 18 anos no 25 de Abril. Olhar para este filme e este entrecruzar de histórias várias, a voz do Zeca, as quadras populares em ritmo descompassado, os episódios contados na primeira pessoa e não através de crónicas inócuas ou frios relatos, é-me muito próximo, profundamente tocante e catártico ao mesmo tempo.

É uma espécie de saborear em colectivo a tal ‘madalena’ de que falava Proust, uma anamnese, um trazer gostosamente à memória e aos sentidos físicos o paladar, os cheiros, os sons, e até mesmo o tacto desses dias inimitáveis e translúcidos da Revolução. A madrugada ‘inteira e limpa’ de que falava Sophia...

Desfrutem por isso destas imagens e deste reconto vívido que nos chegou através do olhar e da câmara atentos de José Filipe Costa.¹

[recebido em 22 de julho de 2021 e aceite para publicação em 23 de novembro de 2021]

¹ José Filipe Costa é doutorado pelo Royal College of Art, Londres. Escreveu e realizou várias curtas-metragens, entre as quais *A Rua* (2008), *Chapa 23* (2006), *Domingo* (2005) e os documentários *Prazer, Camaradas!* (2019), *Linha Vermelha* (2011), *Entre Muros* (2002) presentes em festivais internacionais de cinema, como Festival de Locarno, BFI London Film Festival, Viennale, Cinéma du Réel, PlanetaDoc, Fórumdoc.bh, Fidé Brasil, Festival de Curtas do Rio de Janeiro, IndieLisboa, Curtas de Vila do Conde, entre outros, e com exibições em vários canais de televisão como RTP, Futura-Brasil e ZDF-Arte. Foi argumentista e realizador da série de divulgação científica *Histórias da Vida na Terra* (2008). Foi professor visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013) e tem leccionado no IADE, ETIC, Instituto Politécnico de Tomar e no curso DocNomads, Documentary Film Directing Erasmus Mundus.